



Crônica da Cidade

por Severino Francisco >> severinofrancisco.df@dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

O voto impresso

É vovô aí a última sandice da vanguarda do atraso: a proposta de instituir o voto impresso. Realmente, não dá para entender por que, sem apresentar nenhuma prova, fizeram coro a Trump na acusação de que as eleições para presidente dos Estados Unidos, vencidas por Biden, eram fraudadas. Mais de 50 ações de fraude movidas por Trump foram derrotadas nos tribunais.

O jornal *New York Times* entrou em contato com 50 autoridades eleitorais de todos os 50 estados americanos e nenhum deles relatou qualquer problema nas eleições. Todos nós acompanhamos

como o sistema eleitoral norte-americano é uma carroça se comparado ao sistema eleitoral brasileiro. O voto impresso se presta às maiores falcatruas. A confusão armada por Trump é a maior prova de que, neste quesito, os norte-americanos estão atrasados. Em 2000, durante a eleição de George Bush, o resultado das urnas demorou mais de um mês para sair.

Pois bem, é precisamente esse sistema que a nossa vanguarda do atraso pretende implementar no país, em um claro retrocesso em termos de transparência. Ora, se supostamente o voto impresso provocou todos os problemas nas eleições dos Estados Unidos, por que adotá-lo no Brasil? A lógica é mais ou menos essa: se eu perder, só pode ter havido fraude. Só é possível impor essa proposta

absurda por meio das fake news nas redes sociais. Segundo uma dessas versões, o Brasil seria o único país do mundo a adotar a votação eletrônica. É fantástico, mas muita gente acredita na mentira. Na verdade, 46 países utilizam o sistema eletrônico no mundo, entre eles, França, Canadá, Austrália, Índia e Nova Zelândia. O sistema brasileiro é um dos nossos raros motivos de orgulho neste momento tão distópico do país.

O Brasil utiliza o sistema de votação digital desde 1996 e, desde essa época, não foi constatada nenhuma fraude. Diferentemente do que ocorre com a internet, o sistema não está conectado a nenhuma rede de dados passível de invasão. Com as cédulas de papel, é muito mais fácil alterar ou adulterar o voto.

Em todas as eleições, o TSE realiza testes públicos para assegurar a segurança do sistema. Pesquisa Data Folha realizada em janeiro deste ano mostrou que 73% dos brasileiros são favoráveis ao voto eletrônico. Querem dismantlar o nosso sistema eleitoral de maneira semelhante a que pretendem destruir as nossas florestas, o nosso sistema de educação e o nosso sistema de saúde. O voto impresso favorecerá a pressão das milícias sobre os eleitores.

Quem quiser entender por que uma ideia tão estapafúrdia prospera na Câmara dos Deputados é só cruzar o voto de suas excelências e as verbas para emendas no orçamento visível e no secreto. Os que se submetem a essa proposta ridícula são os mesmos que apro-

vam a dispensa de licença ambiental, so-negam verba para realizar o Censo do IBGE e acenam com a possibilidade de liberar o garimpo em terras indígenas.

Não representam os cidadãos brasileiros. Só representam os baixos interesses pessoais do balcão de negócios a que se reduziu o Congresso Nacional com seus pactos fáusticos. O voto impresso é o máximo de atraso. Se é para tocar pra frente mesmo o voto impresso, eu sugiro também a volta da carroça, da calça boca de sino, da fita cassete, do topete na testa, do espartilho, do cinto de castidade e da varíola.

PS: O Senado Federal está realizando uma consulta pública para avaliar o voto impresso. Não se omita, entre no site e vote.



Levantamento mostra que, nos últimos meses, houve um aumento de 5% no número de pessoas infectadas pelo novo coronavírus já imunizadas e com mais de 60 anos. Porém, a quantidade de internações e de óbitos entre esse grupo diminuiu

Crescem casos de covid entre idosos vacinados

» CIBELE MOREIRA

A vacinação contra a covid-19 trouxe um alívio para boa parte da população, principalmente entre os idosos que, no início da pandemia, representavam a maioria das internações e mortes por complicações do novo coronavírus. No entanto, apesar da imunização, houve um crescimento expressivo de infectados com mais de 60 anos. O pesquisador e professor Breno Aídad, do Centro Universitário Iesb, fez uma análise das informações divulgadas pela Secretaria de Saúde. De acordo com ele, nos últimos meses, houve um aumento de 5% na porcentagem de idosos com o vírus no Distrito Federal. Um levantamento feito por Aídad mostra que, em novembro, do total de pessoas contaminadas, 10,8% eram idosos. Em maio, esse quantitativo passou para 15,8%.

Em contrapartida, a quantidade de internações e mortes entre o grupo com 60 anos ou mais diminuiu — o que demonstra a eficácia da vacina na prevenção dos casos graves da doença. “Os dados indicam que quem vacinou não está se cuidando. As pessoas estão confiantes de que estão imunes ao vírus e ignoram o fato da possibilidade de pegar e transmitir a covid-19. Antes, havia um medo, uma preocupação em relação à gravidade da doença. Agora, com a imunização, houve um relaxamento das medidas de prevenção, e os idosos estão se contaminando mais. Porém, como a vacina funciona, estão se internando menos e morrendo menos”, analisa o doutor em admi-



Os dados indicam que quem vacinou não está se cuidando. As pessoas estão confiantes de que estão imunes ao vírus e ignoram o fato da possibilidade de pegar e transmitir a covid-19”

Breno Aídad,
professor e pesquisador

nistração e pós-doutor pela Universidade de Brasília (UnB) em ciência do comportamento.

Segundo levantamento feito por Aídad, em novembro de 2020, 80% dos óbitos registrados no Distrito Federal eram de pessoas acima dos 60 anos. A faixa etária entre 0 a 59 anos representava 20%. Entre fevereiro e março deste ano, houve uma mudança de cenário, com a queda de mortes entre os idosos e o aumento de pessoas mais jovens morrendo por complicações do vírus. Em abril, 60% do total de óbitos registrados eram de pessoas acima dos 60 anos.

Para a infectologista Ana Helena Germóglia, esse cenário reforça a utilização da vacina como um protetor da forma grave

da doença. “A gente vê essa mudança após a segunda semana da 2ª dose, quando se tem uma maior resposta imunológica do indivíduo com a vacina. É de se esperar que, a partir de agora, se tenha — progressivamente — essa redução não só em idosos, mas nas faixas etárias seguintes e depois nas pessoas com comorbidades. Isso mostra que, realmente, a vacina é eficaz, segura e necessária para que a gente consiga combater a pandemia”, ressalta a especialista. Porém, ela alerta: “É importante frisar que a vacina foi desenvolvida para evitar os casos graves da doença. Se as pessoas não seguirem as medidas de prevenção, a circulação viral vai continuar. Mesmo os vacinados precisam se proteger, até porque eles podem ter formas leves da doença e continuar perpetuando o ciclo da covid-19”, pontua.

Conscientização

O epidemiologista e professor de epidemiologia da UnB Walter Ramalho reforça a fala da Ana Helena. “A vacinação é um ótimo recurso para combater a pandemia. Estamos vendo na prática o efeito dela, mas é preciso uma conscientização de todos, pois, mesmo vacinado, esse grupo pode transmitir o vírus e ter casos leves e também graves. Nada impede o agravamento do vírus em quem está imunizado”, afirma Walter. “É preciso manter os mesmos cuidados de antes, com o distanciamento social, uso de máscara, evitar aglomeração. Muita gente ainda não foi vacinada, e a circulação do vírus está alta”, reforça o epidemiologista.

Carlos Vieira/CB/D.A.Press



Mesmo vacinados, os idosos têm de continuar com os cuidados para não serem infectados

Brasil Sabor

15 anos

NO SABOR DO MOMENTO

13 A 30 DE MAIO

+160 Bares e Restaurantes Participantes

brasilsabor.com.br

Baixe: **Appetizer**

Disponível na Google Play e na App Store

Parceria:

Realização:

Patrocínio Nacional:

Palavra de especialista

Cuidados pós-vacinação

Quando se observa um aumento de casos entre a população idosa, na faixa etária do grupo imunizado, é preciso se atentar a alguns fatores. A alta pode ser um reflexo no aumento de testagem deste grupo, por exemplo. Ou se trata do comportamento delas. Como foram vacinadas, equivocadamente, estão encarando que estão liberadas para sair. Há uma falsa sensação de que a vacina acabou com o problema. A vacina é excelente, mas não resolve a pandemia desse jeito, só ajuda no controle da pandemia. É como se

você tivesse com uma máscara melhor. O que está ocorrendo no Brasil está tudo errado. É necessária uma campanha de comunicação do governo para orientar a população sobre os cuidados que se deve ter depois da vacinação. Tem de continuar com o uso da máscara o tempo inteiro, manter o distanciamento. Quando receber visita em casa, evitar ficar sem máscara. Felizmente, os idosos estão protegidos da forma grave, mas ainda podem ter a infecção. E outro ponto importante: é preciso utilizar máscara de boa qua-

lidade. No momento atual, quando há uma maior circulação do vírus da covid-19, a máscara de pano sozinha não protege. O recomendado é que se utilize uma máscara cirúrgica por baixo da de pano, principalmente em ambientes fechados ou de maior circulação de pessoas. As máscaras N95 e PFF2 também são recomendadas e protegem bem.

José David Urbaz,
diretor científico da Sociedade de Infectologia do DF e infectologista do Laboratório Exame